

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

TANEMOTO FURUHATA — **Value of Blood Grouping in Anthropology** — June, 1933.

O ilustre professor de Medicina Legal da Universidade japonesa de Kanazawa, Tanemoto Furu-hata, de cujos trabalhos sôbre a distribuição e hereditariedade dos grupos sanguíneos já temos dado notícia nesta revista, faz nesta valiosa memória uma síntese das principais aquisições até hoje realizadas no domínio da sorologia étnica, especialmente no Japão.

Menciona sucessivamente os vários índices propostos, as fórmulas de Wellisch, as leis de Snyder, as novas propriedades (M e N) determinadas por Landsteiner e Levine, as fórmulas originais de soro-genética propostas pelo A., resultados nos recém-nascidos japoneses e nos japoneses em geral, correlações entre os grupos sanguíneos e alguns caracteres antropométricos, resultados em vários países, etc. Importantes estatísticas e bons cartogramas e gráficos valorizam êste trabalho.

Os Portugueses aparecem no quadro geral com 918 casos observados. Embora não haja indicação bibliográfica, cremos tratar-se das observações reunidas, dos drs. Adélia Seirós da Cunha e Waldemar Teixeira.

É engenhosa a representação, num sistema de três coordenadas (A, B e O), das posições sorológicas, de vários povos do globo, na estampa final. Os Portugueses lá estão numa posição destacante, a que já temos feito referência.

MENDES CORRÊA.

K. LANDSTEINER AND PHILIP LEVINE — **Immunization of Chimpanzees with human blood** — Repr. from «*Journ. of Immunology*», vol. XXII, 1932.

Injectando com sangue humano três chimpanzés pertencentes ao grupo A, os autores realizaram as reacções do sôro dêsses chimpanzés com sangue humano e sangue de chimpanzé, con-

cluindo que se produzem facilmente aglutininas nos antropóides referidos após aquelas injeções e que a diferença de reacções sorológicas entre o sangue do homem e o do chimpanzé do mesmo grupo é menos pronunciada do que entre o sangue humano de grupos diversos. A formação dos anticorpos pela imunização de chimpanzés com sangue humano explica-se pelas diferenças específicas entre as células desses animais e as humanas. Mas é plausível que a mais pequena diferença de composição nas proteínas das hemácias baste para a produção dos anticorpos.

M. C.

CARLO MAGNINO — Ibridismo e pureza — Publ. do «Centro di Documentazione Etnica» — Roma, 1933.

O A., um dos organizadores do novo Centro de Documentação Etnica, proclama, nesta dissertação, a vantagem do hibridismo racial no progresso das nações. «Os povos mais híbridos — diz — são os que constituem as nações mais compactas». O conceito de *Estado nacional* contradiz, na sua opinião, a dum *Estado étnico*, racial.

O dr. Carlo Magnino procura apoiar a sua tese sobretudo na história da Itália e defende a instituição dos *prêmios de nupcialidade* entre elementos de regiões afastadas, especialmente montanhosas, que, por sua natureza, são factores de isolamento.

Segundo o A., a tese de Gobineau e de certos autores germânicos, da pureza racial, é apriorística e sem valor científico. Na verdade, a doutrina que este trabalho lhe contrapõe, necessita também dum apoio documental menos sumário, mais sólido e mais vasto do que aquele que ali lhe é fornecido. Isto não quer dizer que o dr. Magnino se não revele bom observador e um espírito culto.

M. C.

UGO RELLINI — Svolgimento e lacune della preistoria d'Italia — «Riv. di Antropologia», vol. XXVIII, Roma, 1928-29.

Síntese brilhante do que se sabe da prehistória italiana, com pontos de vista originais e com uma exposição franca das dúvidas e lacunas nesses conhecimentos, exposição que constitui um belo programa de novas pesquisas.

Para Rellini, o célebre crânio de Olmo é indubitavelmente mustierense. Datam-no bem a estratigrafia, a fauna, a indústria mustierense. No paleolítico superior, ondas capsenses veem de África para a Itália como para Espanha. Apenas no chamado aurinhacense médio, uma onda de retorno trás de França para a península apenina a ponta de osso de base fendida e as estatuetas femininas (Grimaldi, Savignano).

Sob a influência da doutrina dos ciclos etnológicos do P.^o W. Schmidt, o A. prefere admitir no paleolítico três ciclos: o do amigdalóide, o da lasca retocada, e o das lâminas estreitas e finas. Este último pertence ao quaternário superior, os anteriores veem do protolítico.

Interessantes também as vistas do autor sobre o miolítico e sobre o neolítico em Itália. Esta última cultura seria preparada e em parte produzida em território europeu; as migrações da Ásia Menor ou da África antigamente admitidas para explicar a aparição do neolítico na Europa, datariam duma face adeantada deste, mesmo do eneolítico.

M. C.

TOMAZ SIMÕES VIANA — Estações paleolíticas de Abelheira e Meadela (*Viana do Castelo*) — Extr. do «Almanaque de Ponte do Lima», 3.^o ano, Viana do Castelo, 1933.

A província do Minho, que até há poucos anos estava fora da área conhecida de distribuição do paleolítico, vai pouco a pouco fornecendo novos documentos que tem sido atribuídos a este período. O sr. Tomaz Simões Viana, a quem se devem já aquisições de muito interesse em matéria de prehistória minhota, regista nesta nota alguns achados seus de instrumentos de morfologia paleolítica — sobretudo chelense — nos arredores de Viana do Castelo.

Trata-se de *coups-de-poing* grosseiros, talhados a grandes lascas, em calhaus de quartzite com uma parte da superfície rolada intacta. O A. encontra afinidades entre alguns exemplares e os de Camposancos, Arronches, Casal do Monte, Elvas, etc.

Como noutros lugares temos dito, são ainda obscuras as relações entre os achados galaico-minhotos de superfície com morfologia paleolítica e os abundantes documentos asturienses das mesmas regiões. Mas isso não tira a menor parcela de interesse a contribuições como a do sr. Tomaz Viana.

M. C.

K. ABSOLON UND R. CZIZEK — *Die Palaeolithische Erforschung der Pekarna-Höhle in Mähren — Dritte Mittheilung für das Jahre 1927* — «Acta Musei Moraviensis». Jahrg. XXVI-XXVII. Brünn, 1932.

Excelente relato das importantes investigações realizadas em 1927 pelos AA. na caverna de Pekarna, na Morávia. Método impecável, resultados notáveis. Apareceu material lítico e kerático de vários níveis aurinhacenses, do madalenense, do neolítico. A destacar uma bela gravura representando um combate de bisontes.

M. C.

NELLO PUCCIONI — *Appunti sui resti scheletrici umani del giacimento di Belverde (Cetona)* — Extr. do «Arch. per l'Antrop. e la Etnol.», vol. LXII, Firenze, 1933.

Este trabalho, apresentado como uma simples nota preliminar, tem, entretanto, uma grande importância documental, pois fornece-nos uma síntese deveras interessante das observações do A. em restos esqueléticos de, pelo menos, 59 indivíduos, restos encontrados em explorações levadas a efeito em grutas da região italiana de Belverde, montanha de Cetona, e pertencentes a toda a duração dum período que dos primeiros alvares do bronze alcança a idade do ferro avançada.

Os ossos longos fornecem ao A. elementos sobre a estatura e os índices pilástrico e platicnémico. Dos crânios, dos quais uns 18 em razoável estado de conservação, dá o prof. Nello Puccioni sucessivamente os caracteres descritivos, os índices cefálico, verticais, frontal, alveolar, faciais, nasal, orbitário, alvéolo-maxilar, do buraco occipital e do ramo mandibular. As principais conclusões referem-se: à estatura, predominantemente baixa comquanto, sobretudo nas mulheres, apareçam casos de estatura elevada; à platicnemia, que é inferior à de outros esqueletos de jazidas prehistóricas italianas; aos índices cefálico e verticais, que dão o predomínio à dolicomorfia, sendo entre os braquioides mais frequentes as formas baixas; e ainda à morfologia facial que o A. analisa detidamente.

O prof. Puccioni discrimina no conjunto: um tipo cromagnonoide; um tipo, mais raro, afim dos Etiópicos; um dólico-ortocéfalo que parece afastar-se do tipo mediterrâneo, ao qual seria atribuível à primeira vista; o braquioplaticéfalo alpino; um tipo

dinárico; porventura um tipo arcaico laponóide do qual o alpino seria uma forma híbrida mais recente.

O arcaísmo dos elementos representados é manifesto para o A., mas a heterogeneidade da série é grande. Notemos, entretanto, a ausência de ortognatas e a presença dum só platirrínio, nos crânios em que foi possível apreciar êsses caracteres.

M. C.

COMTE BÉGOUEN — *A propos d'un os orné de la caverne des Trois Frères* — «Rev. Anthropol.», Paris, 1933.

Uma interessantíssima peça de osso, destinada a raspar e polir, e com finas ornamentações, descoberta pelo A. no estreito corredor de junção entre a gruta de Enlène e a de Trois-Frères, sugere ao sr. conde Béguen várias considerações e a menção de outros espécimes arqueológicos, de que é levado a concluir que o homem madalenense tinha uma mentalidade bastante requintada para sentir prazer no emprêgo de utensílios cuidada e artisticamente ornamentados.

M. C.

American School of Prehistoric Research — Bulletin — n.º 9, Maio, 1933.

Sob a direcção do Prof. George Grant Mac Curdy, continua a publicação deste boletim, que dá a medida do esforço da Escola Americana de Investigação Prehistórica.

O presente boletim publica em primeiro lugar o relatório anual dos trabalhos de campo, elaborado pelo director, Prof. Mac Curdy. Seguem-se os relatórios parcelares: de Theodore McCown sobre os restos fósseis humanos de Mug haret Es-Sukhul (Palestina), em que apareceriam, como no crânio da Galileia, caracteres mixtos de Neanderthal e do Neantrópico (o que leva o autor a baptisá-los *Palaeanthropus palestinus*); de V. Fewkes, H. Goldman e R. Ehrich sobre um reconhecimento arqueológico na Jugoslávia; dos mesmos sobre as escavações de 1931 e 1932 em Starcevo, estação neolítica jugoslava; emfim, de R. Ehrich sobre um reconhecimento arqueológico em Montenegro.

M. C.

AB. HENRI BREUIL — *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique* — 2 vols., profusamente ilustrados (I — Ao Norte do Tejo; II — Bacia do Guadiana) — Ed. da «Fondation Singer Polignac», Imprimerie de Lagny, 1933.

O ilustre professor do Colégio de França e do Instituto de Paleontologia Humana, sr. P.^o Breuil, que tem estudado o paleolítico da Península Ibérica e, especialmente, a sua arte rupestre prehistórica, reuniu num luxuoso *Corpus* os vários documentos de pintura rupestre esquemática que tem sido descobertos na Península. Como estes documentos pictográficos, ao contrário dos de Altamira e outros também estudados por Breuil, não são quaternários, mas provavelmente, em geral, neo-eneolíticos, a sua publicação foi considerada fora do âmbito do Instituto de Paleontologia Humana e, assim, não foi este mas a Fondation Singer-Polignac que custeou os dois volumes, em que o alto interesse do assunto se casa com a verdadeira suntuosidade da parte material.

Descrições cuidadas, referências bibliográficas, bons desenhos, excelentes fotografias, belas estampas coloridas, tudo dá, sob a autoridade incontestada do prof. Breuil, um grande relêvo a esta publicação, à qual se seguirá a de outros volumes de síntese, de materiais comparativos, possivelmente mesmo de hipóteses cronológicas de que o A. apenas fala passageiramente nestes dois volumes.

De Portugal o prof. Breuil menciona as pinturas do Cachão da Rapa, da Pala Pinta de Carlão (Alijó), as dos dolmens de Salles e Vilarinho de Castanheira (Trás-os-Montes), do dolmen de Baltar (perto do Pôrto), dos dolmens de Côta, Queiriga, Sátão e Oliveira do Hospital (Beira), do dolmen de Belas (arredores de Lisboa), e por fim da rocha de Nossa Senhora da Esperança (Arronches). Publica sobre esta última, de que já se ocupara na «Terra Portuguesa» em 1916, os seus próprios desenhos, muito bem coloridos. É cabido recordar que Serpa Pinto na nossa revista (*Trabalhos*, vol. V, págs. 245-246) escreveu em 1931 que os desenhos da «Terra Portuguesa» não correspondiam no conjunto às pinturas, «notando-se mesmo isoladamente, bastantes divergências que justificariam nova reprodução». É certo, porém, — escrevia o malogrado Serpa Pinto, — que se encontram desenhadas tôdas as figuras ainda que fora das posições relativas. Na actual publicação, o prof. Breuil reuniu todos os «panneaux» numa estampa.

Das pinturas do Cachão da Rapa o A. não conhecia ainda a nova reprodução, levada a efeito por Santos Júnior, aludindo,

porém, já à redescoberta desses documentos feita pelo investigador português.

Das restantes pinturas mencionadas Breuil reproduz desenhos publicados por Vergílio Correia, Leite de Vasconcelos, Santos Júnior, José Fortes e pelo autor destas linhas.

Para a importante composição pictográfica de Côta, que o A. reproduz de trabalhos nossos e de cuja aquisição para a Ciência tratámos em carta publicada noutra desta revista, o professor Breuil dá paralelos interessantes no dolmen asturiense de Capilla de Santa Cruz (Cangas d'Onis), e nas gravuras pintadas da cista de Göhlitz (Saxe). Entende, ao contrário do nosso parecer, que se não trata dum ídolo, como o de Peña-Tu, mas «dum grupo disposto em composição decorativa de conjunto de figurações de significação feminina ou derivada». Confessamos a nossa relutância em admitir que as duas figurações superiores sejam «nitidamente» duas figuras femininas do tipo dos ídolos de Almeria, sobrepostas a dois andares rectangulares reunindo outras figuras análogas ou ornatos delas derivados, quando a disposição rectangular dos dois andares, a bifurcação superior e a própria repartição em andares, têm tanto de semelhante com a disposição geométrica geral de alguns ídolos-placas. Mas não queremos insistir na interpretação (aliás conjectural) que propusemos. Talvez não seja exacta. Talvez não sejam exactas, mesmo, nem a nossa nem a de Breuil... Trata-se dum campo vasto de hipóteses...

Pena foi que o prof. Breuil não tivesse conhecimento do desenho colorido, cuidadosamente obtido, que demos, da pintura de Côta no vol. I da *História de Portugal*, dirigida pelo prof. Damião Peres (Barcelos, 1928). Certamente teria estimado dêle fornecer em estampa a côres uma reprodução. Dêste modo, para Portugal, limitou apenas às pinturas da Senhora da Esperança êsse processo gráfico.

Para Espanha, a documentação é abundante e são numerosas as estampas coloridas.

Merece menção e interesse particulares a parte do livro referente às pinturas da Galiza. As de Codesas, por exemplo, são muito próximas das portuguesas de Sales. No que respeita à Galiza, o A. reproduz desenhos de Cuevillas e Bouza Brey.

A sul são muito interessantes para os investigadores portugueses as numerosas pinturas da região de Badajoz e da Serra Morena.

Em suma, o trabalho de Breuil é tanto uma nova afirmação da sua alta competência como um precioso manancial de estudo para os prehistoriadores da Europa ocidental.

M. C.

ANTÓNIO SERRANO — *Observaciones sobre la alfarería de los médanos de Colón* — «Mem. del Museo de Paraná», n.º 6, Paraná, 1933.

Breve nota, muito interessante, em que o autor regista, com outras observações sobre cerâmica antiga da região da costa argentina, entre Colón e o «Paso de Paysandú», o costume, ainda não assinalado no seu país, de se adicionarem à argila espículas de esponjas de água doce. Essa técnica foi usada também na região do Amazonas, no Uruguay, etc., subsistindo ainda nalguns pontos. O A. determinou as espécies utilizadas, e dá para ilustração do seu trabalho uma carta, algumas microfotografias e várias estampas de peças cerâmicas.

M. C.

RUI DE SERPA PINTO — *Activité minière et métallurgique pendant l'âge du bronze en Portugal* — in «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», t. XVIII, 15 págs. e 6 figs. Porto, 1933.

Este trabalho foi apresentado pelo seu autor ao I Congresso Internacional de Ciências Prê-históricas e Proto-históricas (Londres, 1932).

Rui de Serpa Pinto, duma erudição já larga e infatigável no seu labor científico, anunciava no estudo que estamos analisando, a publicação futura dos inventários onde reunira vastos materiais referentes às explorações mineiras arqueológicas, limitando-se por agora a dar um resumo daquilo que à luz dos conhecimentos actuais podemos ajuizar sobre o intrincado problema do início da metalurgia em Portugal.

Riqueza mineira — Explorações mineiras — Metalurgia: são os três capítulos em que dividiu o trabalho.

Em seis cartas, mostra duma forma sugestiva e flagrante a distribuição dos jazigos de estanho e cobre em Portugal e na Península ibérica, e a distribuição no nosso país dos diferentes tipos de machados de cobre bem como de alguns petroglifos.

É particularmente interessante o que nos diz sobre o problema da *calaité*. R. Serpa Pinto descobriu que no norte de Portugal aparece a *lazulite*, mineral verde-azulado com o qual se fabricam as pérolas de colar ditas de *calaité*, não sendo pois necessário para explicar o aparecimento das mesmas no nosso país, admitir a sua importação das Ilhas Britânicas.

Faz considerações interessantes sobre as relações prê-his-

tóricas que existiram quer por via terrestre, quer por via marítima, entre o noroeste peninsular, a França e o sul da Inglaterra.

Termina pondo em destaque «les caractéristiques souvent méconnues de la culture du nord-ouest péninsulaire, qui pendant l'âge du bronze se maintient dans un isolement remarquable des autres régions et du bassin de la Méditerranée, et constitue un cercle culturel avec affinités septentrionales très anciennes.»

SANTOS JÚNIOR.

FLORENTINO LOPES CUEVILLAS — *A área xeografica da cultura norte dos castros* — Sep. da «Homenagem a Martins Sarmento», págs. 99-107. Guimarães, 1933.

Cuevillas, o infatigável arqueólogo galego, aborda neste trabalho o interessante problema da delimitação do âmbito geográfico da cultura dos castros do noroeste peninsular.

Arrimado a uma excelente bibliografia, que analisa com critério e lógica, procura estabelecer-lhe os respectivos limites. O limite sul fá-lo seguir paralelamente ao rio Douro e próximo deste rio, para baixar depois até ao Vouga e estender-se até Pinhel e Guarda. A oriente a cultura em questão enfrenta com a cultura dos berrões. A divisória estende-se pelo leste transmontano, que tantas esculturas zoomorfas de berrões tem fornecido, e segue depois por Leão e Astúrias.

Esta última província, a par de objectos de cultura nitidamente castreja, mostra-nos um certo número de outros achados que têm os seus paralelos no círculo cultural de Castela.

S. J.

XESÚS CARRO E SEBASTIÁN GONZALEZ — *O tesouro de Foxados* — in «Arquivo do Seminario de Estudos Galegos», 6 págs., 7 lams. Sant-Iago, 1933.

Na área dum castro, já bastante desmantelado, em Foxados (Corunha), apareceu em 1932 um tesouro constituído por alguns bolos de fundição de prata e ouro (pêso 2^{kg},040), fragmentos de 3 torques de ouro, outros tantos torques de ouro completos e 1 bracelete também de ouro.

Os autores estudam cada uma das peças e fazem a comparação das mesmas com outras semelhantes de Galiza e do norte de Portugal.

Concluem por supor o achado como pertença dum antigo ourives ambulante e datá-lo possivelmente « dos primeiros séculos da nosa era, en momentos da romanización en que inda persistían as vellas tradicións indixenas da Galecia ».

S. J.

P. BOSCH GIMPERA — *El problema de los Cántabros y de su origen* — «Boletín de la Bibl. Menendez y Pelayo», Santander, 1933.

O sábio professor de Barcelona retoma o problema da origem dos Cantabros, de que se ocupara já nos seus estudos anteriores de etnologia antiga da Península e do qual ultimamente tratava também Sanchez Albornoz. Para Bosch, os Cantabros são iberos que, portadores da cultura de El Argar, deveriam ter-se infiltrado nos meados da idade do bronze (cêrca de 1500 a. C.) entre os povos indígenas do N. de Espanha. As invasões célticas (entre 1000 a. C. e o séc. VI) isolam-os ou influem mesmo nêles, mas, com a decadência do período céltico, os Cantabros tratam de reconquistar a região de Villarcayo (*Segontia Paramica* dos Autrigones) e descem pelo Ebro até ao vale de Miranda, procurando ocupar a Bureva. Esta situação corresponde à descrição estraboniana. Aqueles propósitos de reconquista originam uma coligação de povos contra os Cantabros e a guerra cantábrica, que reduz a área dos Cantabros aos limites indicados por Ptolomeu.

O prof. Bosch Gimpera termina apontando o paralelo entre a primitiva história cantabra e os episódios da reconquista castelhana e política expansiva dos primeiros condes de Castela.

Há sem dúvida uma larga parcela de conjectura nestas reconstruções etnológicas, mas a erudição e a inteligência com que Bosch maneja, para elas, os materiais históricos, arqueológicos, toponímicos, etc. são dignas da maior admiração. Notemos que neste trabalho, o eminente investigador catalão não partilha já, como antes, a hipótese de Schulten dos movimentos dos Iberos no sec. III para o interior da Península, e explica preferentemente a iberização por uma penetração mais antiga.

É mais provável — escreve Bosch — que, *achando-se já os iberos no centro da Espanha desde os principios da idade do bronze e representando, de acôrdo com a doutrina clássica, os celtas o elemento invasor que pouco a pouco se fundiu com o indígena, entre o*

qual há a contar com os iberos, a mistura ficou estabilizada a partir do século III, ressurgindo largamente nela a personalidade dos iberos à medida que se desnaturava o carácter do povo dominador.

Congratulamo-nos com esta autorizada opinião, tanto mais quanto é certo que nos « Povos Primitivos da Lusitania » puzemos de remissa a hipótese de Schulten, e expuzemos ideias das quais se aproximam hoje mais as do ilustre arqueólogo de Barcelona. A diferença está em que Bosch fala abertamente de *iberos* onde nós apenas falávamos cautelosamente em *pre-celtas*, convencidos embora de que, efectivamente, estes *pre-celtas* podem com verosimilhança chamar-se *iberos*.

M. C.

ALES HRDLICKA — *The principal dimensions, absolute and relative, of the humerus in the white race* — «Amer. Journ. of Phys. Anthropol.», XVI, Philadelphia, 1932; *The Humerus: Septal Apertures* — Repr. from «Anthropologie», Prague, 1932.

Dois trabalhos do ilustre antropólogo de Washington, relativos ao humero. No primeiro o A., fundado no estudo dum total de 4432 húmeros, compara, nos dois sexos, vários caracteres métricos do humero (comprimento, relação dêste com a estatura, índice da secção no meio, índices humero-femural e rádio-humeral) dos brancos com os caracteres correspondentes do mesmo osso nos Indios e nos Negros da América. Citando as investigações portuguesas (por ordem cronológica: do sinatário e do dr. Themido) sôbre o humero, menciona na bibliografia uma nossa breve comunicação à Academia das Ciências de Paris e não a «Osteometria Portuguesa» que é mais detalhada e completa a tal respeito.

Na segunda monografia faz o A. um estudo muito amplo da perfuração da fosseta olecrâniana (nome a que prefere o de «aberturas septais» do humero) tanto no homem primitivo e actual, como nos Primatas e nos restantes Mamíferos. O número de exemplares examinados é de muitos milhares.

A conclusão a que o A. chega sôbre as causas da perfuração é a de que ela representa uma tendência de natureza filogenética para a reabsorção do septo nos Mamíferos.

Na história do assunto e na bibliografia o A. omite todos os trabalhos portugueses sôbre a matéria não só os do sinatário e do Prof. Amândio Tavares, mas ainda o estudo especial, muito desenvolvido, do Prof. Barbosa Soeiro.

M. C.

JAN MYDLARSKI — *Coefficients of resemblance of parents and children as a measure of selection processes* — «Rev. de Physiologie du Mouvement», Warszawa, 1933.

Os coeficientes de semelhança entre pais e filhos, sobretudo nos grupos sanguíneos, não são os mesmos quando obtidos teoricamente ou determinados pela observação. As diferenças entretanto são pequenas e atribuíveis, segundo A., aos processos de selecção que afectam directamente os caracteres inter-relacionados. Dêste modo, o valor desses coeficientes de gerações sucessivas pode servir para determinar os efeitos imediatos dos processos selectivos.

M. C.

KEITER, FR. — *Wachstumstudien an Kindern* — Extr. de «Verhandlungen der Gesellschaft für Physische Anthropologie», 1932.

Baseado em observações feitas em 1:200 crianças (inclusive sobre fotografias) estudou o A. o crescimento, a variabilidade dos caracteres e as diferenças sexuais e étnicas nos rapazes até aos 19 anos e nas raparigas até aos 17.

No crescimento notou o A. que as relações entre as medidas se fixam mais cedo do que as próprias medidas. A direcção em que se dá a modificação permanece constante desde o nascimento, exceptuando-se nessa regra o índice cefálico e o índice orbital.

A variabilidade mantém-se uniforme durante o desenvolvimento. Quanto à diferença sexual de nascimento nota-se que esta é nos recém-nascidos femininos 0,8 % menos intensa que nos rapazes, mas aumenta nos dois sexos na idade escolar e na puberdade. Sem excepção, as diferenças sexuais originam-se por as raparigas se afastarem menos do estado infantil do que os rapazes.

As diferenças étnicas encontram-se já nos recém-nascidos e são quasi do mesmo valor aos 6 anos e nos adultos, não aumentando os coeficientes de variabilidade durante o nascimento.

A. ATAÍDE.

CARLO MAGNINO — *Il complesso etnico dei Carpati (Escursioni nella Ruténia Carpática)* — 1 vol, de cerca de 200 págs. e de 10 est. fora do texto — Roma, 1933.

Poucas regiões da Europa oferecem um interesse tão especial, no ponto de vista etnológico e etno-geográfico, como a Rússia sub-carpática que o A. estuda neste volume. Trata-se, na verdade, dum «complexo étnico» em que intervêm Eslovacos, Polacos, Grandes Russos, Magiares, Romanos e Rutenos, no meio dos quais o A. identifica particularmente os Goraes, os Uzulos, os Boikis, Judeus, Ciganos, Caraimos, etc. Sucessivamente êle examina a origem, as condições ambientais, a vitalidade, a etnografia, as tendências sociais, destes diferentes elementos étnicos, pondo em foco os principais aspectos dos problemas etno-sociais que se lhes referem. As misturas e infiltrações que se operaram nalguns desses elementos, não foram tão longe que nêles se não reconheçam caracteres primitivos e específicos, muitos dos quais extremamente curiosos.

É interessante sobretudo o que o dr. Carlo Magnino diz sobre a «degenerescência» física e moral dos Uzulos, sobre os Judeus em geral e tendência do mundo hebraico não à polarização, mas à pulverização, sobre a falência das tentativas russas de colonização agrícola pelos Judeus, as distinções religiosas entre êstes e os Caraimos, a origem dos Ciganos e os resíduos, na sua cultura, da civilização da idade do bronze; etc.

O A. não se propôs esgotar o assunto, mas o seu livro, baseado em grande parte em excursões pessoais na região considerada, é a demonstração feliz de excelentes aptidões para as pesquisas referidas e para uma sensata interpretação e valorização de resultados. Notemos que o dr. Magnini pertence à admirável escola antropológica de Roma, à frente da qual se encontram o venerando prof. G. Sergi e seu filho o actual catedrático de Antropologia, prof. Sergio Sergi.

M. C.

MENDES CORRÊA (A. A.) — *Estatuta e indice cefálico em Portugal* — Extr. do «Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Pôrto», vol. II, fasc. 1.º-2.º, 1932.

Analisando as observações e resultados colhidos pelo sr. professor Tamagnini em 11:658 soldados portugueses e juntando a

esses materiais os de outros autores., o sr. prof. Mendes Corrêa construe quadros e gráficos que lhe permitem estudar a posição antropológica dos portugueses.

Depois de algumas considerações gerais sobre o valor estatístico das diferenças regionais encontradas e sobre as modificações que os resultados do sr. prof. Tamagnini trazem à carta antropológica de Portugal, o A., embora reconheça que somente a estatura e o índice cefálico não permitem resolver definitivamente o problema das origens étnicas do povo português, procura explicar as diferenças regionais e discute a realidade taxonómica dos tipos raciais que se tem admitido como tendo participado na etnogenia dos portugueses.

Chamando a atenção para a imprecisão das classificações e dificuldade que há em introduzir-lhes os tipos determinados pela observação dos grupos humanos reais, pergunta se se devem modificar as diagnoses ou se deve antes admitir a modificação dos tipos clássicos pela acção dos cruzamentos ou do meio.

Atendendo a que a população de Portugal é relativamente homogênea e a que o índice cefálico dos portugueses não corresponde exactamente ao da raça *ibero-insular*, o A. acha preferível elevar o limite superior do índice cefálico atribuído a esta raça, até 78 ou 78,5, ainda que a elevação do índice cefálico e um paralelo abaixamento da estatura possam resultar da influência de braquióides, como o *Homo alpinus*.

Como em Portugal se nota uma certa correspondência entre as estaturas elevadas e índices cefálicos baixos (o coeficiente de correlação calculado pelo A. é de -0,24), o A. atribue êste facto à influência dum velho elemento eurafriano de 1^m,65, moreno, bastante dolicocefalo, hipsicéfalo, eurifacial e de nariz largo.

Segundo as médias do índice cefálico e da estatura, podem-se reunir os distritos de Portugal em cinco grupos, começando pelos de estatura relativamente elevada e índice cefálico baixo: 1.º, Trás-os-Montes e Beira Alta; 2.º, Beiras Baixa e Central; 3.º, Extremadura; 4.º, Alentejo; 5.º, um grupo de distritos litorais.

E, ao terminar, diz o A.:

«Até que ponto os últimos resultados numéricos confirmam ou modificam as ideias anteriores sobre a existência dos elementos indicados no seio da população portuguesa? A presença do elemento *ibero-insular*, entendido como propus, é indiscutível. A dum elemento um pouco mais alto e dolicocefalo que o *ibero-insular*, sobretudo em Trás-os-Montes e Beira Alta, é também admissível. Mas as médias distritais da estatura e índice cefálico no Alentejo e Algarve não fornecem a demonstração categórica

da influência *árabe*, de que falavam Álvaro Basto e Costa Ferreira, e da influência *berbere* admitida pelo segundo. Ambas são verosímeis, dadas as relações históricas e ante históricas com o norte de África, mas, se as afinidades são estreitas, é difícil encontrar termos de comparação precisos, tantas as variedades notadas no seio de berberes e semitas. Eis porque não inscrevi estes elementos na fig. 2, embora fôsse natural mencioná-los.

O elemento *nórdico* não se discrimina nitidamente nas médias, embora exista, como já se verificou (Fonseca Cardoso, Costa Ferreira, etc.) — a não ser que resultem do meio ou de convergência certos caracteres nórdicos (despigmentação, caracteres cranianos), que aparecem às vezes nalguns indivíduos do nosso povo. Da presumida influência braquicéfala já disse o bastante, como também se atenua ou desaparece a distinção, suposta por Costa Ferreira, entre o trasmontano e o beirão.

Para outros elementos que têm sido indicados, mesmo para outros caracteres, além da estatura e índice cefálico, há distinções difficilmente verificáveis. Assim, por exemplo, a distinção pela forma do mento, a que alude Costa Ferreira.

As diferenças de médias regionais nem sempre poderão ser atribuídas a diferentes quotas percentuais dos elementos étnicos componentes. O problema da análise antropológica, admitida a hereditariedade mendeliana de alguns caracteres no homem e conhecidas as dificuldades de classificação das raças, não é tão simples como se afigurava aos nossos predecessores nestes estudos. Os métodos antropométricos não permitem o rigor de análises químicas.

As médias não têm presumivelmente todo o interesse que antigamente despertavam aos antropólogos, a não ser nalgumas populações puras e perfeitamente adaptadas ao meio. A despeito da relativa pureza e das profundas raízes indígenas da maior parte da nossa população, o método das médias não basta para o seu estudo antropomorfológico regional.

Assim, dando nos quadros finais as médias da estatura e do índice cefálico em várias séries de circunscrições do nosso país, não considero reunidos todos os documentos necessários para um estudo exaustivo da distribuição desses caracteres da nossa população, e muito menos os elementos necessários para a determinação rigorosa dos tipos antropológicos que entraram na constituição do nosso povo.

Outros elementos são precisos, além mesmo, ainda, dos que têm sido colhidos laboriosamente pelos antropólogos sobre outros caracteres morfológicos.

A Antropobiologia (grupos sanguíneos, temperamentos, etc.)

entra agora também em cena, em vista da insuficiência manifesta da Antropologia clássica e dos seus métodos, insuficiência que tem levado muitos a renunciar a mais detalhe do que as grandes divisões gerais.

Seja como fôr, não é sem pesquisas amplas e sistemáticas, como aquelas que motivaram estas linhas, que se pode chegar a resultados mais seguros do que as hipóteses, por vezes interessantes, mas sempre mais ou menos vagas e incertas, que enchem tantos grossos volumes de erudição e de imaginação».

Por um dos gráficos vê-se que as médias regionais portuguesas apresentam interferências com as espanholas, mas a sobreposição não é perfeita. As províncias de Trás-os-Montes e Beira destacam-se nitidamente do conjunto peninsular.

A. A.

V. SUK & K. AUGUSTA — *Sur la population de la Valachie morave et ses quelques rapports à l'Anthropologie de la Roumanie par la méthode sélective* — Publ. de la Fac. Sc. de l'Univ. Masaryk, Brno, 1933.

Segundo o prof. Suk, tem mais interesse as observações antropológicas de grupos ou classes das populações (método selectivo) do que as observações em grandes massas. Por este método o dr. Augusta colheu na Valáquia morava — uma das regiões históricas da Tchecoslováquia, como a Bretanha em França ou a Toscana na Itália — observações sobre 379 indivíduos nascidos no país, não em grandes centros, mas nas aldeias que apresentavam maior homogeneidade. De acôrdo com as investigações históricas e linguísticas de Valek, verificou para essa população, pelos seus caracteres somáticos, origem presumivelmente afim da duma parte da população da Roménia.

M. C.

DR. W. E. MÜHLMANN — *Untersüchungen über die süddeutsche Brachycephalie*. I. — «Zeitschrift für Morphologie und Anthropologie», XXX, 1932.

Trabalho saído do Instituto Imperador-Guilherme de Antropologia, dirigido pelo Prof. Fischer. Trata-se dum estudo sobre crânios badenses dos séculos XVI-XVIII, que constitue um subsídio

para a solução do problema debatido da origem dos braquicéfalos da Alemanha do Sul. É sabido que várias hipóteses teem sido emitidas (mistura da raça alpina ou dinárica, peristase, etc.). O A. expõe o material utilizado, a técnica, os resultados obtidos — médias, variabilidade, etc.

Sobre 71 crânios determinou vários tipos, sendo o médio braquicrânio, ortocrânio, quási stenométopo, mesoprósopo quási euriprósopo, mesoconco quási cameconco, e mesorrínico no limite da leptorrinia.

Embora o seu trabalho seja uma séria contribuição para o problema referido, o A. não o julga suficiente para solucionar a questão.

M. C.

FRETS, G. P. — *Über Dominanz des brachycephalen Kopfindex*. — «Extr. de Zeitschrift für Morphologie und Anthropologie», Vol., 1933.

Os resultados das observações do A. colhidas numa família em que o pai era holandês e a mãe javanesa, confirmam os publicados por Roest referentes a famílias de composição idêntica.

Encontra-se, em todos êles, a braquicefalia como carácter dominante. Os índices dos pais são: 85,5 e 76,5 respectivamente mãe e pai. Os dos 5 rapazes variam entre 79,5 e 88; os das 5 raparigas entre 77,5 e 87,5.

Diante estes resultados pergunta o A. se nos casos em que dolicocefalia é dominante não se tratará uma outra forma de braquicefalia.

A. A.

RENATO KEHL — *Sexo e Civilização* — (Novas directrizes) — 1 vol. de 280 págs. — Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1933.

Incansável no seu apostolado em favor da Eugénia, o dr. Renato Kehl acaba de publicar um novo volume, em que traça «a semiologia dos males génito-sociais» e aponta «remédios heróicos para a cura e a elevação sómato-psíquica e intelectual da colectividade». É impossível fazer dêste livro uma análise detalhada, tamanhas são a riqueza dos elementos que interveem na exposição, e a variedade dos aspectos dos problemas ali focados. Deve, porém, aconselhar-se a leitura do volume a todos os que

não ficam indiferentes perante o quadro trágico de degenerescência física e moral que nos oferece a humanidade.

O ilustre eugenista não hesita perante as terapêuticas mais revolucionárias, mas acha natural o entre-choque de opiniões. O que pretende é, não fazer prevalecer tôdas as suas doutrinas, mas fazê-las discutir e estudar. Ao contrário dos que apelam para o céu — escreve o dr. Kehl — a doutrina da boa geração, do amor consciente, da regeneração humana dentro das normas basilares da biologia, «apela para os sentimentos mais nobres da nossa natureza».

O programa «avançado» que o A. apresenta no final do seu trabalho, foi exposto por êle numa conferência de grande êxito na Sociedade Portuguesa de Antropologia em fins de 1932.

M. C.

GUSTAVO BARROSO — *O Santo do Bréjo* — Renascença Editora, Rio de Janeiro, 1933; *A ronda dos Séculos* — 3.^a edição, Livraria José Olympio, São Paulo, 1933.

O Santo do Bréjo é um romance, mas tem um alto interesse etnográfico e sociológico. Assiste-se, num admirável quadro de costumes rurais, à formação e ao desenvolvimento duma superstição poderosa. Com o seu belo talento literário, Gustavo Barroso, em tintas duma realidade bem observada, desenha paisagens e tipos, e descreve fenómenos e episódios em que do cómico e caricatural se ascende, em contrastes impressionantes, ao mais empolgante e dramático.

O outro livro do grande escritor brasileiro é feito de pequenas telas do mais vivo colorido e duma imaginação brilhante e fecunda. Inspiram em geral essas páginas acontecimentos históricos. Assinalamos o volume nesta revista porque a vida do homem pre-histórico tem nêle um lugar. A descrição não é cientificamente rigorosa — lepidodendros, cromleches, urso espeleu, chifres de rena gravados, pedra polida, etc., formam um heteróclito conjunto — porém o A. não quis fazer uma descrição científica, mas apenas contos em que a arqueologia e a história fornecem sugestões, pontos de partida, à fantasia literária. Nem por isso deixa de ser interessante registar a existência de tais motivos na literatura, na boa literatura. E deve notar-se que ao folclore e à erudição tem Gustavo Barroso dado valiosas contribuições objectivas, mostrando ser, além do homem de letras justamente consagrado, um folclorista e um erudito de autêntico mérito científico.

M. C.

QUINTILIANO SALDAÑA — *La nouvelle anthropologie criminelle* — in «Revue Intern. de Droit Pénal et Criminologie». Bruxelles, 1933.

Êste trabalho de Saldaña, professor ilustre da Faculdade de Direito da Universidade de Madrid, foi já traduzido para italiano, inglês e alemão. É uma síntese de trabalhos de criminologia do sr. Prof. Mendes Corrêa, analisados à luz dos modernos conceitos do crime e do criminoso.

O Prof. Saldaña não só concorda inteiramente com a teoria do Prof. Mendes Corrêa sobre o determinismo criminal, teoria que êle chama «moral» ou «psico-moral», mas faz a sua apologia.

Os últimos capítulos são dedicados à crítica da obra de Lombroso.

S. J.

AFRÂNIO PEIXOTO — *Criminologia* — 2.^a ed. — Um vol. de cerca de 300 págs. — Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1933.

Lições dum novo curso de Criminologia na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro pelo eminente Mestre que é Afrânio Peixoto. Sucessivamente trata o A. dos conceitos de crime e criminoso, das hipóteses criminológicas, da endocrinologia criminal, da psicanálise, das classificações dos criminosos, dos crimes chamados desinteressados, dos crimes comuns de instintivos, profissionais e ocasionais, dos crimes de loucos, das causas da criminalidade, da prostituição, vagabundagem e alcoolismo, da perigosidade e defesa social, das clínicas criminais, da eugenia e socioplástica, etc. A simples menção dos títulos dos capítulos mostra que o A. está, como era de esperar, perfeitamente actualizado com as tendências da criminologia contemporânea: increções, psicanálise, biótipos, eugenia... Nem livre arbítrio nem determinismo: defesa social. Quanto a classificações de criminosos, «mero artifício didáctico — diz o ilustre professor —, ensaio intelectual, arranjo ou arrumação de coisas heteróclitas, para mera satisfação literária do seu autor». E com razão conclui: «As classificações arrumam factos e coisas da natureza; isto não obriga a natureza a submeter-se a tais arrumações».

Sem recuar perante as mais enérgicas medidas de prevenção e defesa social ou perante ideias que são consideradas profundamente revolucionárias, o prof. Afrânio Peixoto não é um visionário precipitado e imprudente. Dando à «hormonia» um papel importante na criminalidade não julga o disendocrinismo «uma con-

dição necessária e suficiente» do crime. Espreado-se sobre a doutrina freudiana e atribuindo-lhe uma visão justa e penetrante de muitos factos de psicologia geral e criminal, alude às « críticas e sorrisos » que merecem alguns detalhes dessa doutrina. Partidário inteligente duma « política do futuro », preventiva, eugénica, admite que a socioplástica seja « uma utopia », embora « a tardia realidade seja sempre descendente de uma ideia temporã ».

Em suma, o sábio criminologista pisa sempre terreno firme, embora com os olhos postos num alto ideal. Quanto seria para desejar uma tradução em francês, alemão ou inglês do seu livro tão notável! O nosso idioma não atinge infelizmente muitos meios cultos, e aquele trabalho merecia uma divulgação amplíssima. Simplesmente, seria indispensável que a tradução desse uma ideia do extraordinário encanto literário do bellissimo livro. É que o prof. Afrânio Peixoto, sendo um sábio, é, simultaneamente, um mago privilegiado da prosa.

M. C.

LEONÍDIO RIBEIRO — *Medicina Legal* — I vol. de 442 págs. — Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1933.

O sr. prof. Leonídio Ribeiro reuniu neste volume várias lições do seu curso de Medicina Legal nas Faculdades de Medicina e Direito do Rio de Janeiro, e conferências na Academia Nacional de Medicina do Brasil, fazendo-as preceder dum prefácio do seu grande Mestre, Afrânio Peixoto.

Esses trabalhos versam sucessivamente a história da Medicina Legal e do seu ensino no Brasil, as relações do ensino com a perícia, questões de deontologia médica, (como o direito de curar, a eutanásia, o abôrto e o médico, os honorários médicos, etc.), questões de traumatologia forense (a dôr em medicina legal, a ciática, a hérnia em medicina legal, os acidentes de trabalho), a idade e o casamento, um caso de grande sadismo, a regulamentação da prostituição, o exame prenupcial, idade e responsabilidade penal, a história da dactiloscopia, a identificação no Rio de Janeiro.

O livro do sr. prof. Leonídio Ribeiro contém novidades e corajosos pontos de vista pessoais, sustentados, como diz o seu ilustre prefaciador, « com ciência e consciência ». Por êle se pode bem ajuizar dos progressos da Medicina Legal no Brasil assim como da actividade brilhante do autor.

M. C.

1933